v.1, n.1, 2026

CONTEMPORARY SCIENCE REVIEW21 ISSN 3086-3228

# SABERES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO CAMINHO DE RECONEXÃO COM OS SABERES ANCESTRAIS

## *INDIGENOUS AND QUILOMBOLA KNOWLEDGE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: ENVIRONMENTAL EDUCATION AS A PATH TO RECONNECTION WITH ANCESTRAL KNOWLEDGE*

## *SABERES INDÍGENAS Y QUILOMBOLAS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: LA EDUCACIÓN AMBIENTAL COMO CAMINO DE RECONEXIÓN CON LOS SABERES ANCESTRALES*

Gisele Regiane Chaves Lopes Cruz[1], Djalma Donizetti Clariano da Silva[2]

e118
https://doi.org/10.47820/csrv21.v1i18

PUBLICADO: 01/2026

**RESUMO**

Este artigo apresenta reflexões e experiências vividas em uma pesquisa empírica desenvolvida em uma escola de educação infantil da capital paulista, aqui denominada Escola Municipal Caminhos da Terra. Buscamos compreender como os saberes indígenas e quilombolas podem dialogar com práticas de educação ambiental na primeira infância, mesmo em contextos urbanos, promovendo aprendizagens baseadas no respeito à natureza, na escuta das ancestralidades e na valorização das diferentes formas de conhecimento. Fundamentamo-nos em autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Lélia Gonzalez, Mestre Nego Bispo, Conceição Evaristo e Givânia Maria da Silva, além de escritoras indígenas contemporâneas como Eliane Potiguara, Lia Minápoty, Márcia Wayna Kambeba e Auritha Tabajara. A pesquisa aponta que a presença dos saberes ancestrais na educação infantil amplia o horizonte da educação ambiental, tornando o aprender um gesto de reconexão com a terra e com a memória coletiva dos povos originários e quilombolas.

**PALAVRAS-CHAVE**: Saberes ancestrais. Educação infantil. Povos indígenas. Quilombolas. Educação ambiental.

***ABSTRACT***

*This article presents reflections and experiences arising from an empirical research study conducted in an early childhood education school in the city of São Paulo, herein referred to as Escola Municipal Caminhos da Terra. We seek to understand how Indigenous and Quilombola knowledge can engage in dialogue with environmental education practices in early childhood, even in urban contexts, promoting learning grounded in respect for nature, attentiveness to ancestral voices, and the appreciation of diverse forms of knowledge. The study is grounded in the works of authors such as Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Lélia Gonzalez, Mestre Nego Bispo, Conceição Evaristo, and Givânia Maria da Silva, as well as contemporary Indigenous writers including Eliane Potiguara, Lia Minápoty, Márcia Wayna Kambeba, and Auritha Tabajara. The research indicates that the presence of ancestral knowledge in early childhood education broadens the scope of*

[1] Graduação em Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
[2] Mestrado em Administração de Empresas, Centro Universitário Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, São Paulo, Brasil.

**ISSN: 3086-3228**

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

*environmental education, transforming learning into a gesture of reconnection with the land and with the collective memory of Indigenous and Quilombola peoples.*

***KEYWORDS:*** *Ancestral knowledge. Early childhood education. Indigenous peoples. Quilombola communities. Environmental education.*

***RESUMEN***
*Este artículo presenta reflexiones y experiencias vividas en una investigación empírica desarrollada en una escuela de educación infantil de la ciudad de São Paulo, aquí denominada Escola Municipal Caminhos da Terra. Buscamos comprender cómo los saberes indígenas y quilombolas pueden dialogar con prácticas de educación ambiental en la primera infancia, incluso en contextos urbanos, promoviendo aprendizajes basados en el respeto por la naturaleza, en la escucha de las ancestralidades y en la valorización de las diversas formas de conocimiento. Nos fundamentamos en autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Lélia Gonzalez, Mestre Nego Bispo, Conceição Evaristo y Givânia Maria da Silva, además de escritoras indígenas contemporáneas como Eliane Potiguara, Lia Minápoty, Márcia Wayna Kambeba y Auritha Tabajara. La investigación señala que la presencia de los saberes ancestrales en la educación infantil amplía el horizonte de la educación ambiental, convirtiendo el aprendizaje en un gesto de reconexión con la tierra y con la memoria colectiva de los pueblos originarios y quilombolas.*

***PALABRAS CLAVE:*** *Saberes ancestrales. Educación infantil. Pueblos indígenas. Quilombolas. Educación ambiental.*

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo de desencontro com a terra. Nas grandes cidades, o cimento cobre as raízes e o barulho encobre os sons da natureza. Em meio a essa realidade, a escola se torna um dos poucos espaços capazes de restaurar vínculos com o mundo natural. A educação ambiental, quando atravessada por saberes indígenas e quilombolas, pode reconectar as crianças àquilo que Conceição Evaristo (2014) chama de escrevivência — a escrita que nasce da vida e devolve sentido à existência.

Inspiramo-nos em Krenak (2019) e Munduruku (2010), que nos lembram que a educação é uma forma de resistência e de escuta. Também nos orientamos pelas reflexões de Mestre Nego Bispo (2015), que contrapõe a lógica da colonização ao mundo dos quilombos, no qual o saber é construído coletivamente e em diálogo com o território.

Nesse artigo, relatamos experiências desenvolvidas em uma escola urbana de São Paulo, buscando compreender como a educação ambiental pode emergir da relação entre culturas tradicionais e o cotidiano das crianças pequenas.

**ISSN: 3086-3228**
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

CONTEMPORARY SCIENCE REVIEW21 ISSN 3086-3228



## REFERENCIAL TEÓRICO

A ecologia dos saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos (2010), encontra ecos nos territórios quilombolas e indígenas, onde o conhecimento nasce do convívio com a terra e com a coletividade. Em diálogo com esse pensamento, Nego Bispo (2015) afirma que “quilombo é modo de ser, de existir, de resistir e de cuidar”. Essa compreensão do cuidado como prática política inspira a educação ambiental que defendemos.

Na perspectiva quilombola, Givânia Maria da Silva (2019) destaca que a escola deve ser um espaço de “reafirmação da identidade e da pertença”. Essa ideia ressoa no que vivenciamos com as crianças, que, mesmo em contextos urbanos, podem reencontrar sentidos de comunidade e solidariedade.

A literatura de autoria quilombola e indígena também se apresenta como território fértil. Conceição Evaristo, com suas narrativas de ancestralidade e resistência, e Eliane Potiguara, com suas histórias de cura e reconciliação, revelam que contar histórias é um ato de memória e de transformação.

Assim, dialogamos com autoras indígenas como Eliane Potiguara (O coco que guardava a noite), Lia Minápoty (Tainãly, uma menina Maraguá), Márcia Wayna Kambeba (Infância na aldeia) e Auritha Tabajara, e com pensadores quilombolas como Nego Bispo e Givânia Maria da Silva, para construir uma pedagogia do pertencimento — uma educação ambiental que une corpo, terra e memória.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Caminhos da Terra, localizada na zona leste de São Paulo, em um bairro de ocupação popular. Participaram vinte crianças de quatro a seis anos, duas professoras e a equipe pedagógica. Adotamos uma abordagem qualitativa com inspiração etnográfica (ANDRÉ, 2008), com registros em diários de campo e rodas de conversa.

Realizamos oficinas com elementos naturais, confecção de brinquedos com materiais reaproveitados, contação de histórias indígenas e quilombolas e a criação de um “canteiro da memória”, onde as crianças plantaram sementes de feijão e milho — inspiradas nos cultivos das comunidades tradicionais.

ISSN: 3086-3228
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

As narrativas de Daniel Munduruku e das escritoras Eliane Potiguara e Lia Minápoty foram lidas e debatidas com as crianças, assim como histórias de resistência quilombola, recontadas a partir de passagens de Colonização, quilombos: modos e significados, de Nego Bispo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as atividades, percebemos que as histórias quilombolas despertaram nas crianças noções de solidariedade e ancestralidade. Ao ouvir sobre as formas de vida nos quilombos, a criança “Luana” afirmou: “Eles cuidam uns dos outros e da terra, igual a gente pode cuidar do nosso jardim”. Essa fala traduz a dimensão ética da educação ambiental quando vinculada aos saberes coletivos.

As leituras de Infância na aldeia, de Márcia Wayna Kambeba, e as conversas sobre o cotidiano quilombola revelaram a importância da coletividade e do trabalho partilhado. “O milho nasce porque muita gente planta junto”, disse “Rafael”. Essa percepção remete à noção de comunalidade descrita por Nego Bispo, na qual o conhecimento se faz em rede.

As educadoras também relataram transformações em sua prática: a professora “Rita” escreveu em seu diário que “as histórias quilombolas e indígenas fazem a gente repensar o que é ensinar — é mais escutar e sentir do que explicar”. Essa aprendizagem recíproca aproxima-se do pensamento freireano e das pedagogias da oralidade, tão presentes nas comunidades tradicionais.

## CONSIDERAÇÕES

As experiências vividas nos mostraram que é possível construir, mesmo em escolas urbanas, práticas de educação ambiental enraizadas nos saberes ancestrais indígenas e quilombolas. Ao unir narrativas orais, literatura de autoria originária e quilombola e atividades com elementos naturais, promovemos uma educação que valoriza o sentir, o pertencer e o cuidar.

Concordamos com Evaristo (2014) ao afirmar que “as palavras podem germinar como sementes de liberdade”. Que nossas práticas pedagógicas possam ser também semeaduras — de consciência, de memória e de vida.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 2008.

ISSN: 3086-3228
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

CONTEMPORARY SCIENCE REVIEW21 ISSN 3086-3228



BAIRROS, Luiza. Lugares de negros. São Paulo: Marco Zero, 1999.

BISPO DOS SANTOS, Antônio (Nego Bispo). Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília: INCT, 2015.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, n. 92/93, 1988.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Infância na aldeia. São Paulo: Ciranda Cultural, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MINÁPOTY, Lia. Tainãly, uma menina Maraguá. Manaus: Editora UFAM, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. Histórias que eu vivi e gosto de contar. São Paulo: Global, 2014.

POTIGUARA, Eliane. A cura da terra. Rio de Janeiro: Nandyala, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Givânia Maria da. Educação Quilombola e Direitos Territoriais. Brasília: MEC, 2019.

TABAJARA, Auritha. Saberes indígenas: contribuições ancestrais para o futuro da educação infantil. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

ISSN: 3086-3228
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.